

AS TIPOLOGIAS DAS LETRAS A PARTIR DOS MANUAIS PEDAGÓGICOS DO SÉCULO XX

ALESSANDRA AMARAL DA SILVEIRA¹; ELIANE PERES²

¹ Universidade Federal de Pelotas – ale82amaral@yahoo.com.br

² Universidade Federal de Pelotas – eteperes@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é parte de uma pesquisa de doutorado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da FaE/UFPel. Neste resumo temos como objetivo principal mapear e analisar os tipos de letras sugeridas pelos manuais pedagógicos, do século XX, para o ensino primário. Este estudo tem a intenção de contribuir com as discussões acerca da História da Educação, especialmente, no campo da História da Alfabetização.

O foco nos manuais pedagógicos justifica-se pelo fato que durante um longo período terem funcionado como fontes de conhecimento, de concepções didáticas, pedagógicas e de “transformações de ideias”, tanto para professores quanto aos estudantes do magistério (SILVA, 2005). Eles tinham como característica reunir e organizar conteúdos escolares, tratando-os de maneira objetiva e acessível, e assim tornando evidente o que havia de “essencial” em termos de educação renovada.

Através destes manuais havia circulação de saberes educacionais considerados ideais e que estavam sendo usados por instituições/institutos tidos como modernas e que deveriam servir de modelo. No entanto, é interessante pensarmos que o contato com os manuais, ou com qualquer outra fonte de leitura, não se estabelece de maneira “neutra”. Conforme Chartier (2001, p.20) há, portanto, um movimento de apropriação em que “cada leitor, a partir de suas próprias referências, individuais ou sociais, históricas ou existenciais, dá um sentido mais ou menos singular, mais ou menos partilhado, aos textos de que se apropria”.

Mesmo cientes do conceito de apropriação, entre o autor e o leitor investimos na análise dos manuais, enquanto fonte documental, que podem contribuir para pensarmos determinadas temáticas educacionais em períodos específicos. Entendemos que os manuais pedagógicos tinham a função de “fundar práticas profissionais em conformidade com um modelo” (BASTOS, 2008, p. 01), sendo assim, enfatizavam o que era tido como melhor para educação, por isso nos interessou analisarmos com a finalidade de procurar informações referentes aos tipos de letras sugeridas para o ensino da escrita nos primeiros anos de escolarização. E dessa forma, procurar ter conhecimento de qual era as recomendações sobre os tipos de letras.

Por que estudar as tipologias das letras através dos manuais pedagógicos?

Pelas razões que foram explanadas acima e também pela necessidade de cruzar dados/informações¹. Inicialmente acreditamos que os manuais pedagógicos são fontes que podem nos dar indícios sobre qual letra era a mais recomendada para o ensino da escrita nas classes de alfabetização das crianças.

¹ Ao longo da pesquisa de doutorado pretendemos mapear e discutir as tipologias das letras, também através da Revista do Ensino /RS (1951-1978), publicação gaúcha com ampla circulação, do Centro de Pesquisa e Orientações Educacionais (CPOE 1943-1971) órgão ligado a Secretaria do RGS e de cartilhas escolares.

Feito isso, iremos cruzar tais informações com os cadernos de alunos, presente no acervo do grupo de pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares – HISALES.

A preocupação com os traçados das letras teve bastante ênfase no século XX havendo um forte investimento através dos manuais pedagógicos em investirem na propagação de técnicas e na divulgação da melhor letra, para o ensino das crianças iniciantes. Nesse momento, nosso interesse está em mapear como eram denominadas as letras, ou seja, como os autores dos manuais propunham os tipos de letras na escola primária.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste estudo é a análise de cunho documental. Conforme Cellard (2010) este tipo de metodologia nos permite seguir pistas deixadas pelo passado através de diferentes registros, que podem ser eles públicos, privados ou pessoais. Nesse sentido, os documentos não estão parados esperando que alguém os descubra, é preciso compreendê-los como envolvidos em “relações, de jogos de sentido e significação, construídos e preservados no tempo para as gerações futuras. Memórias fragmentadas de um tempo que não conseguiremos jamais tomá-lo em sua totalidade” (LUCHESE, 2014, p. 5).

Portanto, ao tratar dos manuais e das tipologias das letras temos o entendimento que os registros localizados não são verdades únicas e absolutas, mas uma versão possível de ser discutida. Logo destacamos que os manuais foram produzidos em lugares e por autores que de certa maneira tinham influências no campo educacional.

Diante disso, para este trabalho foram analisados 16 manuais pedagógicos publicados entre 1920 a 1960, alguns produzidos no Brasil, outros no exterior, mas traduzidos para a língua Portuguesa por autores brasileiros, todos os manuais fazem parte do acervo do grupo de pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares – HISALES. Destes, 09 dedicaram um trecho ou um capítulo para abordar sobre a história, os fundamentos metodológicos e as técnicas da escrita, e é nesse lugar, que localizamos as discussões sobre as letras.

Os outros 07 manuais não entrarão na discussão a seguir, pois não houve, por parte dos autores, o desenvolvimento de reflexões acerca das tipologias das letras.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os nove manuais pedagógicos em que encontramos denominação às tipologias das letras são: 1) Lições de Pedagogia (Antônio Figueirinhas, Porto/ PT, 1927, 2ª ed), 2) Pedagogia (Alfredo M. Aguayo, Hortensia M. Amores, Havana/Cuba, 1950, 6ª ed), 3) Noções de práticas de ensino (Theobaldo Miranda Santos, São Paulo, 1953, 3ª ed), 4) Práticas escolares (De acordo com o programa de práticas de ensino do curso normal e com orientação do ensino primário) (Antônio D'Ávila, São Paulo, 1954, 4ª ed), 5) Práticas escolares (De acordo com o programa de práticas de ensino do curso normal e com orientação do ensino primário) (Antônio D'Ávila, São Paulo, 1955, 7ª ed), 6) Prática do ensino primário (Brisolva de Brito Queirós; Hayde Gallo Coelho; Circe de Carvalho Pio Borges; Irene de Albuquerque; Josefina de Castro e Silva Gaudenzi, Rio de Janeiro, 1957a, 5ª ed), 7) Metodologia do ensino primário (Theobaldo Miranda Santos, São Paulo 1957b, 6ª ed), 8) A escola viva Metodologia do ensino primário

(Afro de Amaral Fontoura, Rio de Janeiro, 1963, 9ª ed), 9) Pedagogia científica: Psicologia e direção da aprendizagem (A. M. Aguayo -Tradução e nota J.B. Damasco Penna, São Paulo, 1964, 10ª ed).

A partir desse mapeamento foi possível denominar as tipologias das letras recorrentes nos manuais como, por exemplo, “escrita portuguesa²”, “escrita inglesa ou americana”, “escrita garrafal”, “bastardinho” e “escrita vulgar” (FIGUEIRINHA, 1927), “escritura vertical”, “letra de inclinación” (AGUAYO, 1950, 1964), “letra de imprensa simplificado” “manuscrito”, “de fôrma”, “letra impressa (escrita vertical)” (SANTOS, 1953, 1957), “artísticas, monográficas” (D’ÁVILA, 1954), “vertical ou inclinada” (D’ÁVILA, 1955), “imprensa, manuscrita ou de mão”, “Caligrafia muscular”, “Caligrafia Vertical ou Inclinado” (BRITO et al, 1957) e por fim “cursiva”, “tipográfica”, “manuscrita” (FONTOURA, 1963).

Não temos a pretensão de discutir a letra vertical, inclinada ou muscular, pois mesmo sendo bastante citadas pelos manuais elas fazem alusão às questões mais técnicas do ato de escrever, a posição do corpo, do caderno etc. (PERES, 2003). No entanto, conforme as autoras Vidal e Esteves (2003), a escrita vertical, inclinada e muscular fazem referência à letra cursiva ou script, o que somente nos manuais não fica evidente.

Focaremos inicialmente nas denominações mais recorrentes. Em primeiro lugar aparece a letra “manuscrita ou a mão”, sendo mencionada, nos manuais de 1953, 1957a, 1957b e 1963. Um dos autores a define como sinônimo da letra cursiva e a caracteriza como aquele em que “as letras de uma palavra são tôdas ligadas umas às outras” (FONTOURA, 1963, p. 119).

Em segundo lugar aparecem as tipologias “imprensa simplificado” e “letra impressa” ambas citadas pelo mesmo autor nos manuais de 1953 e 1957b. Conforme Peres (2003, p.87), a partir do comunicado da CPOE fica definido que “a *script* é a imprensa simplificado, com as letras ‘a’ e ‘g’ modificadas. Inalteráveis são os traços básicos das letras em retas, círculos e semicírculos”. Sobre a letra impressa Santos (1953, 1957b), só aconselha que a mesma deva ser utilizada quando o aluno já souber escrever, pois exige maior aperfeiçoamento e amadurecimento do escriba.

Por fim, as que aparecem apenas em um manual pedagógico. “Escrita portuguesa”, “escrita inglesa ou americana”, “escrita garrafal”, “bastardinho” “escrita vulgar” (FIGUEIRINHA, 1927) De acordo com Tamara (2003) estas denominações eram mais utilizadas no século XIX podendo ser por isso que elas aparecem somente neste manual, já que os outros já datam da década de 1950 em diante.

Tipográfica “é aquela em que as letras são separadas umas das outras, tal como acontece neste livro, e em todos os impressos, revistas ou jornais (...) data do século XVI com o surgimento da imprensa” (FONTOURA, 1963, p. 120). Já a letra de fôrma é definida pelo autor como sendo toda feita em maiúscula.

Por fim, é importante frisar que por mais que nosso objetivo tenha sido mapear as tipologias das letras destacamos que independente da letra sugerida, pelos autores, a defesa era quase a mesma, ou seja, a busca da “boa letra”, baseada nos princípios da legibilidade, da higiene e da rapidez.

4. CONCLUSÕES

² Todas as expressões que estão neste parágrafo entre aspas foram retiradas exatamente iguais às utilizadas nos manuais pedagógicos.

Fazer esse mapeamento nos manuais nos fez perceber que não havia unanimidade sobre um único tipo de letra a ser ensinada às crianças, em fase de alfabetização. Encontramos recomendações, como por exemplo, “o tipo e letra empregada – deve ser o de imprensa simplificado, que poderá ser depois gradualmente substituído pelo manuscrito propriamente dito” (SANTOS, 1955, p. 161).

Destacamos que há pouca explicação sobre as denominações dos tipos de letras, na maioria das vezes, são simplesmente citadas. Dos nove manuais analisados apenas o professoro Afro do Amaral Fontoura (1963) esmiúça a tipologia das letras, anunciando os subtítulos fundamentos metodológicos, tipos de escrita, tipos de letras etc.

Os demais manuais fazem maior investimento quando abordado a discussão sobre as letras inclinada, vertical ou muscular, principalmente, pelo fato de ser uma questão bem problematizada durante a época em que os manuais foram produzidos.

REFERÊNCIAS

BASTOS, M. H. C. **Um manual e suas diferentes apropriações**. “Noções de história da educação” de Theobaldo Miranda Santos (1945). In: V Congresso Brasileiro de História da Educação: O ensino e a pesquisa em história da educação. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe; 2008.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Ed. Vozes, 2008.

CHARTIE, R. (Org.). **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

LUCHESI, T. **Modos de fazer história da Educação**: pensando a operação historiográfica em temas regionais. História da Educação. Porto Alegre. v. 18, nº 43, maio/agosto 2014, p. 145-161.

PERES, E. O ensino da linguagem na escola pública primária gaúcha no período da renovação pedagógica (1930 - 1950). In: PERES, E., TAMBARA, E. (org). **Livros escolares e ensino da leitura e da escrita no Brasil** (séculos XIX - XX), Pelotas/RS: Seiva, 2003.

SILVA, V. B. da. **Saberes em viagem nos manuais pedagógicos**: construções da escola em Portugal e no Brasil (1870-1970), 2005 Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.

VIDAL, D. G.; ESTEVES, I.L. Modelos caligráficos concorrentes: as prescrições para a escrita na escola primária paulista (1910-1940). In: PERES, E., TAMBARA, E. (org). **Livros escolares e ensino da leitura e da escrita no Brasil** (séculos XIX - XX), Pelotas/RS: Seiva, 2003.